

# PROBLEMÁTICAS DA IMIGRAÇÃO E DO RETORNO NA COMUNIDADE LÍBANO-BRASILEIRA

*Samira Adel Osman\**

**Resumo:** A proposta desta comunicação é apresentar e analisar as narrativas da comunidade líbano-brasileira, no processo migratório entre Brasil e Líbano, com a efetivação do processo de retorno, nos diferentes grupos investigados, por meio da História Oral de Vida. Os grupos investigados foram os imigrantes libaneses retornados da primeira geração, mulheres descendentes da segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade, jovens descendentes de segunda e terceira gerações filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiros, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano, além de brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses. Nesta comunicação abordam-se questões referentes à problemática da reinserção de imigrantes e seus descendentes que retornaram do Brasil para o Líbano, em uma nova prática cultural, muitas vezes traduzida como experiências de frustração e fracasso.

**Palavras-chave:** Imigração. Retorno. Família. Geração. Comunidade líbano-brasileira.

**Abstract:** The purpose of this article is to present and analyze the narratives of Lebanon-Brazilian community, in the migration process between Brazil and Lebanon, with the consolidation of return, in the various groups investigated, through the Oral History of life. The groups investigated were Lebanese first generation immigrants; second generation women descendants married to Lebanese, at the age bracket from thirty and fifty years old; second and third generation young descendants, as well as non-descendent Brazilian women, married to Lebanese immigrants. The article addresses issues related to the reintegration of immigrants and their descendants who returned from Brazil to Lebanon within a new cultural practice, often translated as experiences of frustration and failure.

**Keywords:** Immigration. Return. Family. Generation. Lebanon-Brazilian community.

## INTRODUÇÃO

Ainda que a imigração tenha se constituído num fenômeno social de grandes dimensões podendo ser analisado sob diversos aspectos e pontos de vista, é também um fato evidente que a produção de conhecimento nas diferentes áreas de estudo não tem refletido essa importância, pelo menos no grau que mereceria.

---

\* Doutora em História Social, pesquisadora do NEHO-USP, docente do Centro Universitário SENAC. E-mail: osman@uol.com.br

Particularmente, em relação aos grupos migratórios desembarcados no Brasil ao longo dos últimos séculos e mesmo atualmente, também se constata que maiores atenções foram dispensadas aos grupos de maior fluxo ou ainda que estiveram vinculados a projetos governamentais colonizatórios ou ligados à questão da mão-de-obra. Dessa forma, mais excluídos ainda estiveram outros grupos, como árabes, judeus, russos, poloneses, suíços e tantos outros, confundidos, propositalmente ou não, em denominações genéricas que não só negaram sua identidade como também a especificidade desses deslocamentos.

Da mesma forma que os estudos migratórios ocuparam um papel secundário, a questão da problemática do retorno *tampouco foi considerada* como um ato vinculado a esse processo. A imigração, por muito tempo, foi entendida como um movimento de mão única, como se a partida do país natal significasse uma ruptura definitiva e irreversível.

Mesmo que o retorno não tenha se concretizado efetivamente para a maior parte dos que partiram, tendo de fato sido um caminho de mão única, é bem verdade que esteve ligado ao menos ao projeto imigratório. O retorno é um pressuposto natural da migração, pois aquele que parte, parte para um dia retornar, não importando por quanto tempo se prolongue essa ausência e quando se efetive de fato essa volta. A idéia do retorno como mito está presente no imaginário ou na retórica tanto dos que partiram quanto dos que ficaram como uma forma de expiar a culpa pela partida. Já que o migrante parte, por que não compreender que ele retorne depois de haver cumprido sua tarefa, missão, objetivo?

A possibilidade do retorno está presente para todo e qualquer migrante, como parte inerente ao próprio ato de emigrar. Encara-se a partida, a emigração, como um ato natural, mas o não retorno à terra natal, como traição, numa leitura mítica da imigração e do retorno. O retorno como possibilidade e, mais ainda, como obrigação, faz com que o migrante se sinta ligado à sua terra natal, a seus familiares, parentes e conterrâneos e que viva, portanto, a experiência da imigração e da ausência como uma carga intensa de dramaticidade expressa nas idéias da obrigação, da culpa, da deserção transmutadas nos sentimentos de saudade, de nostalgia e da ilusão do retorno.

Para Sayad (1998), o retorno, compreendido como condição inerente ao ato de emigrar/imigrar, apresenta-se como um objeto de estudo de grandes dimensões, merecedor das atenções dos estudiosos dos assuntos relativos à imigração. Compreender o retorno, possibilidade ou apenas desejo latente como tema recorrente ao ato de imigrar não pode ser desprezado pelos estudiosos do fenômeno da imigração, de modo geral, e da imigração árabe, de modo particular. A perspectiva de retorno tem sido uma das peculiaridades do processo migratório árabe, particularmente mais acentuado no caso libanês.

Neste artigo, aborda-se a efetivação do processo de retorno de membros da comunidade líbano-brasileira ao Líbano a partir da análise das narrativas dos diferentes grupos pesquisados, por meio da História Oral de Vida: os imigrantes libaneses retornados da primeira geração mulheres descendentes da segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade, jovens descendentes de segunda e terceira gerações filhas de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano, além de brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses.<sup>1</sup>

Duas vertentes serão consideradas: o retorno na perspectiva familiar e o retorno como concretização e frustração.

#### A EXPERIÊNCIA DO RETORNO NA PERSPECTIVA FAMILIAR

O retorno na comunidade líbano-brasileira, assim como a imigração, deve ser compreendido primeiramente em sua dimensão familiar, à medida que os projetos de idas e vindas devem ser inseridos nesse contexto. A família deve ser compreendida como a responsável pelo projeto de partida como também o ponto de ligação no retorno.

Primeiro há que se recuperar o projeto de emigração subjacente ao ato de emigrar, considerando que aquele que parte não parte só, no sentido de que a emigração é um projeto coletivo, familiar, envolvendo decisões do grupo como um todo e não apenas como indivíduo. O retorno ao Líbano foi indicado como parte inerente a esse projeto, no sentido de que a partida foi vista como um ato provisório, ainda que a permanência no país de destino tenha durado mais do que o planejado e o retorno tenha sido adiado sucessivamente.<sup>2</sup>

Parte-se com o aval familiar, mas continua-se vinculado a ela de alguma forma, tanto num compromisso real (envio de recursos financeiros, cuidados de outros membros familiares, aquisição de casas e terras, casamentos) como no compromisso moral (responsabilidade, respeito às decisões familiares, manutenção dos laços afetivos). O grupo doméstico no lugar de origem continua presente até na ausência da emigração, a autoridade paterna impõe-se mesmo a distância, seja na fase adulta, seja na formação da família conjugal. O retorno implicou assumir responsabilidades familiares, cuidar de pais idosos ou adoentados ou ainda colaborar na criação de irmãos menores. Emigrou-se com a permissão do grupo familiar e se retornou a ele quando se foi cobrado:

<sup>1</sup> Essas entrevistas são parte da pesquisa de doutorado realizada no Líbano, na região do Vale do Bekaa, entre dezembro de 2003 e fevereiro de 2004, num total de 50% narrativas que serviram de base para a elaboração da tese de doutorado. (OSMAN, 2006)

<sup>2</sup> O período de tempo entre a imigração e o retorno do grupo de entrevistados variou entre cinco e trinta anos.

E ainda por cima o meu pai ficava chamando para que eu voltasse. Ele não aceitava que eu morasse em outro lugar... Então eu acabei voltando porque meu pai queria que eu voltasse... Eu aceitei e voltei para cá. (Abdul Ali Kadri, Rede I- 1ª Geração).<sup>3</sup>

...Eu queria voltar há muito tempo, eu senti muito a minha ausência daqui quando meu pai morreu e eu não estava para acompanhar esse último momento, isso é muito duro. Então quando meu irmão veio, parece que despertou alguma coisa adormecida em mim e eu resolvi que era a hora de vir. (Mohamad Abou Arab, Rede I- 1ª Geração).

Jímenez e Rodríguez (2004) consideram que a família aparece como elemento fundamental de referência na tomada de decisão pelo retorno, dimensionando os vínculos mantidos com o lugar de origem. Segundo esses autores, os emigrantes nunca se desvincularam, sentimental ou fisicamente, do lugar de origem, estando a ele vinculados por contatos frequentes, breves retornos, investimentos em propriedades, envio dos filhos para conhecer o país e a família.

O retorno pode ser vinculado também a um sentimento tão diáfano quanto o que vem carregado na palavra saudade, da família, da terra, do lugar. A ligação com a terra natal é vista como um chamado, como algo impregnado na mente e na alma, e ainda que se queira adiar esse processo, que se queira ensurdecer a ele, que se tente negá-lo, o retorno torna-se inexorável. Monteiro (1994, p.32) afirma: “a terra natal (que é lembrada em termos de aldeia ou região de origem) torna-se uma utopia”:

Na verdade, eu já estava com planos de voltar para cá mas ficava sempre indeciso, pensava em vir e depois desistia. Eu acho assim: qualquer pessoa que sai do país em que nasceu sempre pensa em voltar, sempre, não tem jeito. O lugar onde você nasceu, onde você foi criado, tem sua família, seus amigos, seus contatos, fica marcado para sempre em sua vida, então não importa quanto tempo demore, fica aquele desejo de uma dia voltar para as suas origens, para a sua terra, para o seu lugar. Todo mundo que está fora pensa isso, até os brasileiros que vêm para cá pensam em voltar um dia para o seu país. (Mohamad Mustapha Abou Arab, Rede I- 1ª Geração)

Muitas vezes o motivo para o retorno ao Líbano é avaliado na perspectiva da importância da família para esse grupo migratório.<sup>4</sup> Nesse caso a

<sup>3</sup> É importante aqui extrair dois conceitos de Meihy: colônia e rede. Segundo o autor, “a colônia é sempre o grupo amplo, da qual a rede é a espécie ou parte menor que possa caber nos limites de um projeto plausível a ser executado” e “a rede, como subdivisão da colônia, funciona como indicativo do modo de articular as entrevistas”. MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de História Oral. SP: Loyola, 2005, 5ª ed., 177. As redes da pesquisa foram assim compostas: Rede I: libaneses, imigrantes retornados, de primeira geração; Rede II: mulheres descendentes de segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade; Rede III: jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano; Rede IV: brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses.

<sup>4</sup> Hajjar (1985, p. 42.43) aponta que a família árabe pode ser dividida em três tipos: família conjugal, formada pelo casal e seus filhos; família grande, composta por três gerações, na qual o membro mais velho é reverenciado como patriarca. Essas famílias agregam tanto os patriarcas e filhos solteiros, como os filhos casados e sua família

família é tanto a que se deixou na emigração (pais, irmãos, tios, sobrinhos) quanto aquela que se construiu na imigração (esposa e filhos), uma e outra com um enorme peso e influência na decisão do retorno.

Se a família que se deixou no momento da partida tem ocupado esse papel de destaque na vida dos emigrados, influenciando nas decisões, nas escolhas e nas renúncias, o que dizer então sobre os filhos desses imigrantes? Qual a parcela de motivação de retorno que representaram e qual o seu significado?

Dustmann (2003) defende que os filhos são um dos principais fatores, senão o principal, para os planos de retorno empreendidos pelos pais à terra natal, sendo este o ambiente avaliado como o mais apropriado para a criação deles.<sup>5</sup> O autor ainda aponta que há uma diferença de gênero na opção do retorno: quando o retorno envolve filhas, o que está em questão é a preservação das tradições e dos valores culturais e quando envolve filhos a preocupação centra-se na carreira ou futuro econômico. Tais diferenças são ainda tanto mais acentuadas quanto maior for o peso da tradição na cultura do imigrante, o que leva Dustmann (2003) a afirmar que, neste caso, as filhas é que mais influenciam o retorno dos pais.

Para a primeira geração, com família formada na imigração, os filhos (sem distinção de sexo explicitamente, mas, sim, implicitamente) foram um fator fundamental na decisão do retorno. “Voltar porque se pensa na família”, “porque se quer o melhor para ela”, “porque quem tem família quer o melhor para ela”, “porque aqui é o melhor lugar para cuidar dela”, “porque o Líbano é o lugar mais sossegado para criar os filhos”, foram algumas das afirmações que revelaram o grau de influência exercido pelos filhos no retorno empreendido.

O mais evidenciado em relação a esse aspecto familiar é, sem dúvida, o peso da tradição e da manutenção dos costumes no que se refere ao aprendizado e à preservação da língua e da religião, presentes no discurso de quase todos os colaboradores, mesmo na segunda geração.

Como admitiu um colaborador:

A minha preocupação era que eles pudessem aprender aqui mais os nossos costumes, a nossa religião, a nossa língua. Só por isso voltei para cá, só por isso... Lá no Brasil é mais difícil ensinar isso, e eu acho que quem fica por lá vai perder tudo isso, não tem jeito. Eles aprenderam rápido aqui, aprenderam falar árabe bem, aprenderam ler e escrever direitinho, aprenderam a rezar e a jejuar... Agora aonde eles forem não tem mais problema nenhum, porque já foram bem formados na cultura árabe...(Ali Moussa El Kaderi, Rede I- 1ª Geração).

---

conjugal, vivendo numa mesma casa e partilhando da mesma propriedade; Parentela, que reúne as famílias grandes que se consideram descendentes de um antepassado comum, ocupando uma mesma aldeia ou parte de uma cidade. O casamento entre seus membros reforça o laço familiar.

<sup>5</sup> O autor considera ainda que poucos são os estudos que têm levado em consideração a importância das gerações nas decisões de migração e de retorno.

A manutenção desses valores, tão caros aos imigrantes, só pode ser alcançada no próprio país, o Líbano, porque existe a proximidade da família (avós, tios, primos) o que faz então de todos que convivem juntos um grupo coeso. Como afirmou um colaborador: “Aqui todo mundo é igual.” (Abdul Majid, Rede I).

Vale a pena considerar também as diferentes vozes de familiares (marido, esposa e filha) avaliando o retorno, cada um sob uma ótica particular, não como denúncia de uma contradição, mas sim para dimensionar como o mesmo fato foi sentido por cada um dos membros implicados nesse processo. É o caso, por exemplo, dos membros de uma mesma família avaliando o retorno.<sup>6</sup> Para o pai:

Em 1985, as coisas começaram a melhorar de novo aqui no Líbano, e resolvi que deveríamos voltar novamente... Aí sim não vimos mais nada de guerra, meus filhos gostaram da idéia, e tudo foi maravilhoso, um sossego... “Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Para a esposa:

...Quando as coisas estavam melhorando, aí meu marido resolveu mudar de novo para cá (para o Líbano). Aí eu vim, porque tinha que acompanhar o marido, mas por minha vontade teria ficado por lá (no Brasil) mesmo. Não teria vindo se a decisão fosse minha. (Dibi Mustafá Kadri, Rede I- 1ª Geração).

E, finalmente, para a filha:

Três anos depois, em 1985, meu pai decidiu que a gente iria vir para cá (Líbano) de novo. Nossa, quando ele falou isso eu chorei tanto, tanto, eu não queria vir de jeito nenhum porque não queria parar meus estudos e eu já sabia como era difícil viver aqui. (Maria Abdul Kadri, Rede III- 2ª Geração)

Tratar da migração e do retorno é trazer, portanto, à luz as discussões referentes às contradições, conflitos, problemas engendrados por esse processo, bem como os seus modos de superação, mas esse processo e essas discussões devem ser compreendidos num contexto mais amplo que é o da família. Foi dentro de um grupo familiar que cada um dos colaboradores analisou a sua vida em família na imigração; a família pensada em sua formação, transformações e contradições, analisada a partir da perspectiva do

---

<sup>6</sup> Em relação a todas as definições que envolvem o retorno, chama-se a atenção para a relevância de um deles: o chamado retorno ancestral ou transgeracional, que envolve o retorno de pessoas da segunda e terceira gerações de imigrantes (filhos e netos) para a pátria de seus ancestrais (pais, avós), onde eles não nasceram ou foram criados. Christou (2006) ressalta que o interesse pela segunda geração no tema do retorno tem sido despertado entre os estudiosos sobre o assunto, havendo por isso a necessidade de se estabelecerem categorias de análise adequadas a esse perfil na pesquisa, por exemplo, no tocante ao nível mnemônico (memória cultural do lar ancestral), da experiência de retorno ao lar ancestral e da expressão da articulação do projeto migratório do retorno.

processo de retorno e seu reposicionamento no lugar de origem. É como membro de uma família também que cada colaborador viu a si próprio e aos outros, refletindo ainda sobre sua posição nesse grupo e de cada membro em relação a ele especificamente.

Um estudo de tal natureza, cuja preocupação parte da temática da família e seus projetos, seu papel na comunidade migrante vivendo no Brasil e na comunidade de origem retornando ao Líbano, pode ser compreendido como uma “teoria da família e de suas transformações sob o efeito da imigração”, como define Sayad (1998, p. 173).

Há que se dimensionarem essas diferentes análises (de membros familiares) de uma mesma experiência (o retorno) para que se possa compreender, de uma forma mais profunda, a problemática do retorno na perspectiva da concretização do fato e da frustração da experiência.

#### A PROBLEMÁTICA DO RETORNO: CONCRETIZAÇÃO E FRUSTRAÇÃO

Ainda segundo Sayad (1999) a problemática do retorno deve ser analisada do ponto de vista da “reinserção dos imigrantes na sua sociedade, sua economia e sua cultura” (p.163), pois é uma tentativa de

...”reabilitar” os imigrantes, sua cultura de origem (ou o que se considera como tal), sua língua e, podemos acrescentar, como ponto culminante desse paradoxo, todas as iniciativas que se autodenominam “reaculturação”, pois elas permitiriam que eles se reencontrassem a si mesmos, que redescobrissem seu país, sua língua, sua religião, que se reconciliassem com suas tradições, sua cultura, etc.(1998, p.62)

No entanto, esse “reencontro” e “redescoberta” concretizaram-se como uma experiência, se não traumática, ao menos frustrante e conflituosa. Mesmo para a primeira geração, os imigrantes retornados, esse reencontro com o país também se expressou como uma dificuldade que se constatou desde os primeiros momentos e levou à necessidade de um forçoso processo adaptativo.

Até parece estranho falar isso, mas quando eu vim para cá, parecia que eu tinha nascido de novo... Quando eu cheguei aqui, parecia que não conhecia ninguém, nem sobrinho, nem parente, nem nada... Eu juro por Deus, entrava num casamento, por exemplo, achava todo mundo estranho e parecia que eu era de outro mundo, sentava e olhava para o povo, um povo diferente para mim, e não reconhecia ninguém, nem nada... Nada, nada... Nada era igual à época que eu deixei...

Foi difícil então para eu me acostumar a viver aqui de novo... Nossa Senhora! Nos primeiros anos fiquei com a cabeça confusa, sem saber onde estava e o que estava fazendo aqui. Eu queria voltar, mas não dava, não tinha mais jeito nem dinheiro para voltar novamente e começar tudo de novo... Então fui me acostumando a viver aqui ... Acostumei, tem que acostumar, né?

...Quando você percebe, o tempo passou e você já não estranha mais as coisas, vai se adaptando, até tudo ficar normal de novo... (Ali Moussa El Kaderi, Rede I- 1ª Geração).

A mudança decorrente desse processo fez se sentir no retorno e na tentativa de se reintegrar ao seu país e ao seu grupo e, mais ainda, de se reconciliar consigo mesmo, com o que se deixou para trás. Mas a constatação foi bem diferente e a conclusão foi decorrente dessa avaliação: dificuldade, estranhamento, sofrimento, expressos em afirmações como “sentir-se mal”, “não se acostumar”, “achar tudo estranho”, denotando a não-aceitação da nova realidade. Apesar disso, como o retorno é, em muitos casos, irreversível, aceitar e se readaptar à nova situação é a única possibilidade.

Voltar ao mesmo lugar de origem, retomar contato com as mesmas pessoas (parentes, amigos, conterrâneos), inserir-se na terra natal apenas reforçaram as situações de distanciamento, estranhamento, diferenças e a constatação de que a readaptação não foi nem uma realidade nem uma facilidade.

Voltar para o mesmo lugar não significou voltar para o mesmo tempo, ao tempo anterior à partida. Se, como afirma Sayad (1998), o espaço é passível de ser percorrido sucessivamente, em tempos diferentes, num contínuo ir-e-vir, o mesmo não se pode constatar em relação ao tempo: o tempo é irreversível, pois não há como retornar ao tempo que passou. Da mesma forma, ao retornar não é mais possível encontrar o mesmo modo de vida, as mesmas pessoas nem a si mesmo, como se imaginou que se deixou.

O migrante guardou durante essa experiência a imagem de sua terra natal e para lá sonhou em voltar e, ainda que tenha se desiludido, a referência anterior do lugar existiu previamente. Mas qual era a imagem, a referência das gerações e dos não-descendentes em relação a esse lugar?

É importante primeiramente perceber qual era essa imagem prévia à ida ao Líbano em comparação com a imagem construída na experiência do retorno. Para alguns membros da segunda geração, essa visão foi construída a partir de experiências anteriores em viagens de curta duração para conhecer a terra natal dos pais ou em períodos anteriores em que se instalaram no Líbano. Em alguns casos a experiência foi positiva, levando ao desejo de mudança:

Eu adorei essa viagem apesar de não falar uma palavra árabe, de não conhecer ninguém nem nada por aqui. Eu me encantei com o Líbano, achei um país muito bonito, gostei da maneira de ser do pessoal, das festas, de tudo enfim, tudo mesmo. Achei que aqui era tudo muito diferente do Brasil, e me senti tão à vontade que parecia que eu já era parte dessa terra, como se eu fosse um pedaço daqui, entendeu? Eu me encontrei nessa viagem... (Alia Chahine, Rede II- 2ª Geração).

Para outros, a experiência foi negativa levando à necessidade de reconstrução dessa imagem para a efetivação do retorno em outro momento:

...a idéia que eu tinha do Líbano era aquela da minha infância, de quando eu vivi aqui dos sete aos dez anos de idade. Naquela época nós moramos numa casa que não tinha luz, não tinha água, não tinha banheiro, então eu tinha uma imagem daqui muito ruim, entendeu?

Como meu marido sabia que eu tinha uma má impressão daqui, antes de a gente começar a construir o prédio, ele me incentivou para que eu viesse para cá passar um tempo. Eu não queria, não queria, mas acabei vindo... Parecia que eu estava indo para um enterro, e não para uma viagem. Aí eu vim e fiquei uns cinco meses na casa da minha sogra, que é minha tia. Até que foi gostoso, já tinha água, tinha luz, vim com dinheiro para me divertir, não era como aquela imagem que eu tinha guardado da minha infância. (Aishe Barakat, Rede II- 2ª Geração).

Para a maioria ir ao Líbano não significou ter uma noção prévia do que era o lugar, não havia uma imagem construída, muito menos uma expectativa, mas para outros já existia uma visão preconcebida e construída a partir de informações obtidas pela mídia televisiva, pelo cinema ou pelo noticiário.

Nesse caso, essa visão era negativa, associada aos conflitos, à violência:

Eu tinha uma idéia péssima do Líbano, tinha a impressão que o pessoal vivia aqui no meio das bombas explodindo a toda hora... Eu lia e ouvia as notícias no jornal e não entendia nada do que acontecia nessa terra, a gente nunca entende que lugar que é ou que não é, quando você não está vivendo nesse lugar... Parece tudo igual, uma confusão só! (Eni Aparecida de Souza, Rede IV- brasileiras não-descendentes).

Ou ainda era uma visão que ressaltava a diferença como algo exótico:

“Além disso, tinha uma idéia totalmente diferente do Líbano... Achava que era um lugar que se falava enrolado, que se comia com a mão, que se vivia em tendas, porque essa era a imagem que eu via na televisão, nos filmes, nas novelas... Tinha uma idéia totalmente diferente...” Vanda Luís (Rede IV- brasileiras não-descendentes).

Tanto para os que conheciam o país anteriormente quanto para aqueles que não tinham noção do que iriam encontrar ou tinham uma noção equivocada, a concretização do retorno levou à efetivação de uma imagem, não mais à distância, mas construída pela experiência. O Líbano não era mais o país de uma experiência anterior, da infância e da adolescência, nem tampouco o país de que se “ouve falar”, mas se tornou o país que abriga outra cultura e para onde se retornou para se viver.

A primeira constatação, sobretudo para a terceira geração, é que são dois lugares diferentes e dicotômicos: o Líbano é o oposto do Brasil em termos territoriais (o Líbano é um “pinguinho no mapa”, “uma estrada do Brasil”, “um fim de mundo”, enquanto o Brasil é “grande”, “imenso”), em desenvolvimento (“está no mesmo lugar”, “nunca cresce”), em atraso (“aqui é interior, interior do Líbano, sabe o que é isso?”). Para esses jovens, que se reconheciam como urbanos e tiveram que se integrar ao meio rural, o esta-

belecimento no lugar foi traduzido como um retrocesso, levando à decorrente dificuldade de adaptação:<sup>7</sup>

...odiei esse lugar desde o primeiro momento em que pus os pés aqui... Aqui é interior, é fim de mundo... Quem viveu em São Paulo e vem viver aqui em Ghazzi não tem como se acostumar... É totalmente diferente, é outra vida, é outro mundo...

Eu queria ter voltado para o Brasil na mesma hora, mas meus pais não cumpriram a parte deles no nosso acordo... Foram brigas e mais brigas aqui, porque eles não cediam e eu não aceitava essa mudança definitiva e radical na minha vida...

Foi difícil me adaptar a viver aqui... Não só para mim, mas também para os meus irmãos e mesmo para os meus pais... (Daniel Ahmad Rajab, Rede III- 3ª geração).

Ainda em relação às dificuldades de adaptação apontadas, destacam-se as questões referentes à inserção educacional e profissional perpassada pela questão da aprendizagem da língua árabe. Tendo saído do Brasil em idade correspondente ao ensino fundamental (iniciando ou finalizando), muitos desses jovens tiveram que enfrentar outra dificuldade de inserção na sociedade libanesa por meio de instituições de ensino.

Para esses colaboradores a língua consistiu em uma das dificuldades de adaptação e inserção na comunidade local, vista como um complicador nas relações sociais (“fazer amizades”, “conversar com as pessoas”) e na adaptação à escola, levando a atitudes de preconceito e discriminação:

Os meus filhos tiveram algumas dificuldades de adaptação, e a primeira delas foi a língua. Eles sabiam um pouco do árabe, entendiam, falavam alguma coisa, mas aquela fluência mesmo, nenhum deles tinha. Eu até coloquei uma professora particular no começo para eles pegarem um pouco da língua e para ajudá-los na escola. Eles foram muito discriminados na escola porque não conseguiam entender muito bem, não conseguiam acompanhar o estudo, não conseguiram fazer amizades, e foram se desinteressando pouco a pouco, um a um, até largarem a escola, infelizmente... (Widad Ismail Mohamad El Kaderi, Rede II- 2ª Geração).

Com a experiência de vida no Brasil, a primeira constatação foi a impossibilidade da continuidade de estudos apontada como decorrência das diferenças no sistema de ensino entre os dois países, a desclassificação e a matrícula em nível inferior, as dificuldades em relação à língua árabe e à língua inglesa, as dificuldades em acompanhar a série, a existência de classes especiais para os que vêm de fora, o pouco preparo ou interesse dos professores em atender a esse aluno, a questão dos castigos físicos impostos aos alunos, tudo isso levando à reprovação ou à evasão escolar. Esses colaboradores apontaram, com certo pesar, em relação aos estudos, que “não

---

<sup>7</sup> Nota-se que a maioria dos entrevistados retornou da cidade de São Paulo, de outras cidades paulistas ou ainda de outras capitais, para os vilarejos do Vale do Bekaa, de onde as famílias eram originárias. O ponto de partida da emigração e o ponto de chegada do retorno.

deu para continuar”, “não tinha como terminar”, “não ia dar para frequentar mesmo”, “não deu para ir adiante”.

Alguns disseram que a experiência de ensino não durou mais que alguns meses, chegando a pouco mais de um ano. A necessidade de começar o aprendizado de uma língua, da qual não se dominavam os símbolos escritos (“as letras são muito difíceis de reconhecer”), que se tinha dificuldade na pronúncia de alguns fonemas (“para você conseguir pronunciar algumas palavras que também são bem complicadas”) dificultou ou impediu a continuidade dos estudos, para quem “mal sabia o alfabeto” e que, lendo, “parecia que estava na primeira série”.

A perspectiva de profissionalização derivou da possibilidade ou não de escolarização. Para alguns o ensino superior foi uma alternativa viável, decorrência da adequação ao sistema de ensino local, destacando-se a preferência pelos cursos de engenharia da computação e farmácia. Aqueles que não puderam dar continuidade aos estudos buscaram alternativas de inserção profissional, que não exigiram tanta fluência na língua ou conhecimentos acadêmicos, como cursos de nível técnico ou ainda por meio de pequenos negócios (mercado, lava-rápido), e ainda assim a informalidade do ensino e a empregabilidade foram apontados como problemáticos:

Na época em que eu saí da escola, e mesmo enquanto eu estava servindo o Exército, eu fiz um curso de cabeleireiro, num salão de um senhor aqui de Ghazzi. Eu ia para lá e ficava parado, observando, para aos poucos começar a praticar também, quer dizer, não era um curso de verdade. Meu pai estava me pressionando para eu tomar essa decisão, e a minha mãe, que sempre se preocupou que a gente se formasse em alguma coisa, acabaram me influenciando para que eu aprendesse essa profissão. No começo eu não queria, mas depois eu fiquei pensando:”o que eu vou fazer da minha vida aqui?”,’Que futuro eu tenho?’ Eu comecei a pensar que tenho que dar um jeito na minha vida, fazer alguma coisa, porque não dá só pra depender do meu pai. Trabalhar na borracharia com ele não dava, porque o serviço não é tanto assim. ...Aqui é difícil uma pessoa fazer a vida. Não tem emprego, não tem oportunidade de construir uma vida melhor, então ou tem que ter dinheiro para ter seu próprio negócio, ou tem que sair para buscar oportunidades. Senão, é trabalhar na lavoura mesmo, como mão-de-obra braçal. (Salmen Ali Moussa El Kaderi, Rede III- 3ª Geração).

No tocante ao aprendizado e domínio da língua árabe é necessário pontuar as diferenças em relação a cada grupo, podendo ser uma facilidade ou dificuldade nesse processo de inserção.

Em relação aos colaboradores da Rede II (2ª Geração), há uma oscilação entre o domínio da língua (“falar bem o árabe”, “falar desde pequena”) e o reconhecimento da falta de fluência (“meu árabe é pesado, não é fluente”), as dificuldades de comunicação (“às vezes não consigo acompanhar uma conversa”) e o desconhecimento na leitura e na escrita. Da mesma forma reconhece se o aprimoramento no domínio da língua árabe (“melhorou um pouquinho”, “aprendi a falar melhor o árabe aqui”, “fui me aperfei-

coando”, “procuro aprender cada vez mais”), ao mesmo tempo em que também se reconheceu uma limitação, tanto por não ser um falante nativo (“meu árabe não é igual de quem é nascido aqui”), como também pela manutenção do uso da língua portuguesa (“converso muito em português”, “a maioria aqui fala em português”).

Já para as colaboradoras da Rede IV (brasileiras não-descendentes), a aprendizagem da língua árabe foi vista como consequência de um esforço pessoal e individual (“aprendi sozinha, de ouvir, de observar, de prestar atenção nas conversas, aí eu colocava na cabeça”, **Célia, Rede IV**) de se comunicar por gestos (“eu falava fazendo gestos, apontando o que queria”, **Expedita, Rede IV**), de decorar as palavras, de associar os significados (“eles me falavam a palavra em árabe e eu ia gravando tudo”, **M. Neuza, Rede IV**), de buscar o equivalente na língua portuguesa, de aprender o necessário para o cotidiano (“fui aprendendo coisas da casa, como arroz, açúcar, pão, coisas do dia-a-dia”, **Eni, Rede IV**), entre outras soluções. Executar tarefas rotineiras, como ir à feira, ao mercado ou açougue também levou à necessidade de aplicar aquilo que se aprendeu, sobretudo estando sozinha e a comunicação dependendo unicamente de si própria.

Outra dimensão dessa dificuldade de adaptação ao lugar deveu-se ao lazer, diversão e ocupação do tempo ocioso, apontados como fatores de limitação, que reduzem os interesses e conversas dos jovens a assuntos de adultos. Os jovens, e mesmo os colaboradores de outras redes, apontaram justamente a “falta do que fazer” no tempo livre, devido à ausência de espaços e atividades de lazer, “lugares para ir, sair, passear”, carência de “diversão, passeios”, inexistência de “cinemas, shoppings, barzinhos” nos vilarejos, levando à avaliação de que no Brasil “tem mais opção de diversão”, a vida é “mais alegre e divertida”, em oposição à monotonia, à mesmice do dia-a-dia, à passagem do tempo sem que se dê conta (“você não sabe qual é o dia da semana, não tem diferença entre a segunda-feira e o sábado, um dia é igual ao outro, você não sabe qual é o mês ou dia do mês”):

Aqui a vida não é fácil, principalmente para quem vem de fora como nós, para quem já estava acostumado a outro tipo de vida. A vida aqui não é como no Brasil, aqui quase não tem nada para se fazer, não tem diversão, não tem shopping, não tem lugares para passear. O Líbano é como um interior, um interior que não tem nada para se fazer. Aqui não tem muitas coisas legais, eu trabalho o dia inteiro e chega ao fim do dia você quer sair, não tem lugar para você sair, não tem festas, nada. Se você não está trabalhando, está em casa, ou vendo televisão que não entende nada, ou dormindo. Viver aqui é como estar numa cadeia, num país de quatro paredes...

Não é como no Brasil. No Brasil qualquer hora você sai, qualquer hora tem festas, tem quermesses, tem diversão, tem seus amigos que gostam das mesmas coisas. A diversão no Brasil é mais fácil: futebol, pipa, bate-papo, brincadeiras saudáveis, muitas coisas legais mesmo de diversão. Tudo o que você fizer, você se diverte, entendeu? Lá você faz mil coisas e sente que as coisas estão acontecendo, o tempo passa

mais rápido. Aqui você não sente o tempo passar, não sente se ficou velho e se já virou vovô... O Brasil é muito mais legal que aqui, é um paraíso... (Samir Ahmad El Kadri, Rede III- 3ª Geração).

É uma diferença estabelecida também em termos dos espaços rural e urbano. Para Certeau (1997), “o bairro urbano é o lugar de uma aprendizagem social decisiva que, ao mesmo título que a vida familiar, escolar ou profissional, introduz, de maneira particularmente poderosa, a aprendizagem da vida cotidiana” (v.2, p. 165). Vivendo atualmente em vilarejos, esses jovens idealizaram a vida urbana, o espaço da cidade, como um espaço de “operações de múltiplas lógicas: consumo, espetáculo, passeio, descoberta...”:

...(noBrasil) eu sempre saía, se eu quisesse ir para um restaurante, ir para um shopping eu ia, se quisesse comprar uma coisa, comprava... Aqui tem mas não é como lá, aqui tudo é longe, lá é muito mais fácil do que aqui... No Brasil até se a gente vai para o supermercado se diverte... (Márcia Elisa Fermiano, Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

Frequentar shoppings, supermercados, centros comerciais, estabelecimentos típicos das grandes cidades traduzem-se como visitar “uma terra exótica onde pode passar alguns bons momentos, onde podem ‘instruir-se’ sobre aspectos da modernidade”. Não frequentá-lo é render-se ao atraso, ao provincianismo, é como “parar no tempo” e não viver a modernidade. Frequentá-lo é a “permissão de sonhar sempre mais com uma outra vida, com um outro lugar...”(CERTEAU, 1997, v.2, p. 153-152)

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a efetivação do retorno e a adaptação à nova realidade, a comunidade líbano-brasileira vivendo no Líbano tem enfrentado a dura realidade da inserção ao país traduzida como experiência conflituosa, que se concretiza nas dificuldades cotidianas, no aprendizado da língua, no domínio das regras de convivência, na aceitação e adaptação às novas práticas culturais.

O retorno para esses colaboradores é fato e, como fato, deve ser considerado em sua dimensão conflituosa, que passa por etapas de negação e recusa do processo, acomodação e adequação à realidade, seleção e escolhas do que será mantido, preservado ou abandonado. O retorno é uma questão de tempo, de processo geracional, de inserção, de forma que “não se estranhe mais as coisas, que vá se adaptando, até tudo ficar normal de novo”(Ali Moussa, Rede I).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 2.
- CHRISTOU, A. American dreams and European nightmares: experiences and polemics of second-generation Greek-American returning migrants. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Academy for Migration Studies in Denmark, University of Aalborg, vol. 32, nº 5, 2006.
- DUSTMANN, C. Children and return migration. *Journal of Populations Economics*, 2003.
- HAJJAR, C. F. *Imigração árabe: cem anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.
- JÍMENEZ, C. E.; RODRÍGUEZ, V. Tipos de retorno de los emigrantes jubilados: el caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen. CONGRESO ASOCIACIÓN DE DEMOGRAFÍA HISTÓRICA (ADEH), 7., 2004, Espanha. **Anais**. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 2004.
- MONTEIRO, P. F. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994.
- OSMAN, S. A. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*. 1998. 401f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2 vols.
- \_\_\_\_\_. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. 2006. 556f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo São Paulo. 2 vols.
- SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil, 1999.
- \_\_\_\_\_. O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante. *Travessia: Revista do Imigrante*, São Paulo, v. 13, n. especial, jan. 2000.

## BIBLIOGRAFIA

- AMMASSARI, S.; e BLACK, R. "The study of return and transnational migration: methodological issues". *Harnessing the Potential of Migration and Return to Promote Development*. Geneva. IOM, International Organization for Migration, 2001.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza, 1984.
- KING, R. (Ed). *Return Migration and Regional Economic Problems*. London: Croom Helm, 1986.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- NUÑES-SEIXAS, X. M. "Visible and Invisible Remittances: some notes on transatlantic return migration and its effects on Iberian societies." *In: Review of Polish Diaspora*, Cracovia, vol: 31, nº 1. 2005.
- REYES, B. *Dynamics of immigration: return migration to western México*. San Francisco: Policy Institute of California, 1997.
- TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.